

THE EDGE OF THE WORLD / 1937

um filme de Michael Powell

Realização e Argumento: Michael Powell / **Director de Fotografia:** Ernest Palmer, Skeets Kelly, Monty Berman / **Música:** Cyril Ray, com orquestrações de W. L. Williamson e com o Women of Glasgow Orpheus Choir / **Montagem:** Derek Twist / **Som:** W. H. O. Sweeney / **Interpretação:** John Laurie (Peter Manson), Belle Chrystall (Ruth Manson), Eric Berry (Robbie Manson), Kitty Kirwan (Jean Manson), Finlay Currie (James Gray), Niall MacGinnis (Andrew Gray), Grant Sutherland (o catequista), Campbell Robson (o proprietário), George Summers (Skipper), Margaret Grieg (bebé), Michael Powell (o dono do iate).

Produção: Rock Studios / **Produtor:** Joe Rock / **Assistentes de produção:** A Seaborne, Vernon Sewell, W. H. Farr, George Black, W. Osborne, Sydney Streeter / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendada electronicamente em português, 75 minutos / **Estreia Mundial:** Londres, 10 de Janeiro de 1938 / Inédito em Portugal.

Em meados dos anos 30, durante o seu período na Gaumont-British, Michael Powell conheceu Robert Flaherty. Foi na sala de montagem que travaram conhecimento; enquanto Powell foi filmando e despachando quatro filmes de seguida - **Night of the Party, The Fire Raisers, Red Ensign, The Phantom Light** - Flaherty nunca de lá saiu, sempre à volta do seu **Man of Aran**, um filme sobre a população da inhospita ilha irlandesa de Aran, montando-o e remontando-o incansavelmente naquilo que pareceu a Powell um lamentável desperdício de película - consideração que nem por sombras empalidecia a profunda admiração de Powell por Flaherty, o homem que descobriu o actor Sabu. Numa dessas conversas Powell referiu a Flaherty a evacuação da ilha de St. Kilda, cuja população a abandonara dada a imigração dos jovens, e que tencionava realizar um filme que narrasse esse acontecimento através de uma história, ao que o americano respondia: "A story? What kind of story, Michael? Facts are facts, you cannot beat Nature. You can't invent the evacuation of an island, you can't ignore the death of a people! Ya' should been there when it happened! With half a dozen cameras." Entretanto já todo o pessoal da sala de montagem aderira à discussão sobre a controvérsia entre o documentário e a ficção...

Depois de tantos anos e filmes de tarimba, Michael Powell sentiu que finalmente ia começar a filmar a sério - ou seja a realizar os projectos que ele queria e não as "coisas" que a produção desejava - quando o produtor americano Joe Rock se interessou pelo argumento sobre St. Kilda.

Em oito dias escreveu um *script* e mudou de agulhas quanto ao *set* do filme; iria realizar-se na ilha de Foula nas Shetlands (lá mesmo no norte da Escócia) porque o proprietário de St. Kilda, Lord Dumfries, negou-lhes autorização para se instalarem lá alegando que a ilha era um santuário de aves que não podiam ser perturbadas. Foi nesse "fim do mundo" que Michael Powell se instalou com a sua equipa.

Pode-se traçar uma linha no interior da filmografia de Powell que começa em **The Edge of the World** e tem como pontos fortes **I Know Where I'm Going** e **The Black Narcissus**. O que une fundamentalmente estas obras? Sobretudo um romantismo tardio (e maravilhosamente doentio) *a la* Walter Scott, feito de muitas ruínas encantadas, mas acima de tudo com uma intensa ideia de uma natureza que comanda, instiga, condensa e reflecte a força dos sentimentos - o telúrico como a energia emotiva, ou as emoções como aquilo que nos prende ao natural a despeito do racional. Ora

se já de certo modo em **Phantom Light** se assiste à onnipresença da natureza, só em **The Edge of the World** ela assume plenamente um papel de agente narrativo, ou seja, de motor que impulsiona e enquadra o conflito entre as personagens. Mais do que essa maravilhosa elipse do amor entre Belle Chrystall e Niall MacGinnis, tudo fica dito através do paralelo entre os penhascos que se vencem e as relações que têm que ser vencidas - o abismo que traga a vida - ou entre a tradição obrigada à identidade com a natureza (os ciclos da vida, a relação com os animais) e as leis humanas do amor (a fuga que é afinal uma declaração de derrota perante um lugar onde o amor não consegue sobreviver). Há ainda um mar que se enfurece à medida do amor frustrado, que devolve à terra as mensagens ilícitas dos amantes, um vento que os empurra para a consumação da sua relação e depois os afasta, ou as nuvens, essas nuvens que cobrem as arribas no momento da queda trágica. Nem Deus, quanto mais um padre, podem apaziguar as almas quando estas ficam submergidas pelo silêncio que lhes devolve o mundo.

Um filme sobre a morte feito no auge das forças dos participantes, proporcionado ao espectador essa frágil forma de imortalidade que é o cinema.

José Navarro de Andrade